

ANAIS DO
IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

(Florianópolis, 17 a 23 de julho de 1977)

Organizados pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula

Publicados pela Profa. Alice Piffer Canabrava
Secretário Geral da ANPUH

O HOMEM E A TÉCNICA

Volume IV

SÃO PAULO - BRASIL

1979

SÃO LUÍS E ALCÂNTARA (CONTRIBUIÇÃO PARA UM MELHOR CONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO, DIGNOS DE PRESERVAÇÃO (*))

WILSON PIRES FERRO
da Universidade Federal do Maranhão.

"Quanto a Alcântara que se deixa ver de São Luís nas horas de luz propícia, essa nos comove com este contraste: a pobreza de seus habitantes e o fausto antigo de seus velhos sobrados. De Alcântara se pode dizer que é uma São Luís que ficou no passado, enquanto São Luís é uma Alcântara que entrou pelo presente, sem perder suas primitivas características arquitetônicas e urbanísticas".

(Josué Montello).

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

As Nações do Velho Mundo atingiram elevados níveis de desenvolvimento e progresso, e nem por isso, deixaram de preservar o seu patrimônio histórico e artístico.

Assim, majestosos castelos, suntuosos templos de va-

(*) Comunicação apresentada na 5ª Sessão de Estudos, Equipe B, no dia 22 de julho de 1977 (Nota da Redação).

riados estilos arquitetônicos, cidades inteiras cercadas por imensas muralhas, puderam vencer a ação do tempo, e hoje, permanecem como testemunhas vivas do passado.

Nem mesmo as sangrentas lutas, foram capazes de fazer desaparecer todo esse inestimável tesouro de preciosidades históricas e artísticas.

É para conhecerem, de perto, monumentos históricos, museus, peças de arte, casario, fontes, castelos, fortalezas etc., que se deslocam, todos os anos, percorrendo vários países, milhares de turistas de todo o mundo.

O nosso País, lamentavelmente, só a partir desta década passou a encarar, com mais seriedade, o valor de seu patrimônio histórico e artístico, quando muitas de suas preciosidades já desapareceram; umas, porque não resistiram a ação devastadora do tempo; outras, destruídas por muitos governantes insensibilizados, em nome do progresso.

É de inteira justiça mencionarmos aqui, o esforço que vem sendo desenvolvido pelo Governo Federal, no sentido de uma mudança de mentalidade em relação às nossas "velhas". Foram criadas empresas visando a incrementação do turismo, estabeleceram-se os incentivos fiscais; e o próprio Patrimônio Histórico e Artístico passou a desfrutar de melhor ajuda financeira para seus programas de restauração de cidades, sítios, velhos sobradões e monumentos considerados de importância histórica.

Também, no Maranhão, somente nestes últimos dez anos se fez sentir, ainda que de maneira precária, o interesse do Governo e a ação do Patrimônio Histórico, no sentido de preservar o seu acervo patrimonial de mais de três séculos.

Dentro dessa política é que duas cidades maranhenses foram incluídas no Plano Integrado de Reconstrução de Cidades do Nordeste. A primeira delas é São Luís, antiga Upaon-Açú dos tupinambás, situada entre as baías de São Marcos e São José, à noroeste da ilha do mesmo nome. É ho

je, a sede do Governo do Estado do Maranhão; e das capitais brasileiras é a única que não nasceu lusitana, pois foi fundada pelos franceses, em 1612. A outra cidade é Alcântara, outrora Tapuitapera, antiga "morada dos tapuias", chegando a ser a capital da extinta capitania de Cumã. Está localizada do outro lado da baía de São Marcos, bem próxima de São Luís.

* *
*

2. SÃO LUÍS

São Luís não apresenta como a maioria das capitais brasileiras, os chamados "arranha-céus". Apenas as torres de suas velhas igrejas e uns raros edifícios que não ultrapassam a doze andares, despontam aqui e ali, por entre os telhados dos velhos sobradões, como se fossem vigias guardando a cidade.

Considerando-se o estilo arquitetônico de suas construções e o traçado de suas ruas, pode-se observar, em São Luís, duas partes distintas. Uma que se desenvolveu a partir da metade deste século, com ruas e avenidas largas e um número razoável de construções modernas — é a parte nova da cidade. A outra, é a que começou a ser edificada a partir do século XVII — é a parte velha, hoje, tombada pelo Patrimônio Histórico.

Isto não significa que não se encontrem, na parte nova, velhas construções; nem na velha, modernas. Muitas preciosidades que enriquecem o acervo patrimonial histórico da cidade, hoje, se encontram ilhadas por modernas construções; assim como muitas construções novas, pontilham por entre o casario colonial. É que muitos governantes insensibilizados que teve a cidade, à sombra do progresso, destruíram obras de inestimável valor, como igrejas, palácios, solares etc., para em seus locais, erguerem outras, que nenhum significado histórico representam.

Nem mesmo a Lei Federal nº 25, de 30 de novembro de

1937, foi suficiente para impedir que, não sô a iniciativa privada como também a pública, continuassem promovendo a destruição de ruas e a demolição de velhos prédios de São Luís, mas de certo modo, serviu para diminuir a onda devastadora.

O Patrimônio Histórico tomou a iniciativa de tomar todos os monumentos e o casario considerado de valor histórico e artístico, situados na parte mais antiga da cidade de São Luís, além de outros isolados, localizados em outras áreas; e começa a pressionar os dois setores — público e privado, exigindo o fiel cumprimento da legislação sobre o assunto, salvando, dessa forma, o seu acervo patrimonial, da destruição total que parecia iminente.

Dessa forma, conseguiu a velha e tradicional São Luís, ser uma das poucas capitais brasileiras, a manter incólume, parte considerável de seu patrimônio histórico e artístico.

Para tornar mais objetivo nosso trabalho, trataremos em vários e resumidos sub-ítems, do que constituiu o patrimônio histórico e artístico da cidade de São Luís, dig-nos de preservação.

*

2.1 - Ruas

As ruas de São Luís não são largas, retilíneas e modernas; ao contrário, são estreitas, tortuosas e aladeiradas, e muitas delas, formam um verdadeiro contraste com os nomes pelas quais são conhecidas. Assim é que encontramos ruas com os nomes de: Direita, situada no quarteirão onde impera o vício e a prostituição, e é talvez, a mais tortuosa da cidade; do Norte, localizada no sul da cidade; e do Passeio, que leva direto ao portão principal do Cemitério do Gavião. Outras há, como a Portugal, que muito se assemelha a uma rua lusitana.

Com o crescimento natural da cidade de São Luís, e com a perspectiva, ainda que a longo prazo, do Governo Fe

deral transformar o porto do Itaqui em escoadouro de minério da serra dos Carajás, os governantes do Estado e do Município sentiram a premente necessidade de desimpedir o centro da cidade, com a construção de pátios de estacionamento para veículos, largas avenidas e de viadutos, o que só seria possível com o sacrifício de suas estreitas ruas e de seus seculares sobradões azulejados.

Mas, o bom senso prevaleceu, e uma vez mais, é salva a parte mais velha da cidade. A Administração Municipal em contra uma solução — a construção de um anel viário, constituído de modernas avenidas de várias pistas de rolamento, embelezado por parques e jardins, contornando toda a parte mais antiga da cidade, hoje, tombada pelo Patrimônio Histórico, preservando assim, as estreitas e tortuosas ruas e o casario que ficam em seu interior.

*

3.2 - Largos, praças e monumentos.

Os largos e as praças de São Luis, onde repousam os bustos, estátuas e monumentos de ilustres figuras do passado, embora em número razoável, possuem limitadas áreas e são pobres em arborização. A seguir, mencionamos os largos, praças e os monumentos que maior interesse despertam, com a história resumida dos fatos a que estão ligados e dos episódios que neles se desenrolaram.

Largo do Palácio (Avenida Pedro II) - é o centro administrativo da cidade e onde estão localizados os Palácios : dos Leões, La Ravardière e Arquiepiscopal e a Igreja da Sê. Foi aí que os franceses de La Ravardière fundaram, em 8/9/1612, a França Equinocial;

Largo do Carmo (Praça João Lisboa) - palco, em 1643, de memoráveis lutas entre portugueses e holandeses, e onde, erguia-se o pelourinho. Nele, pode-se observar um admirável conjunto de sobradões, muitos deles revestidos de azulejos, constituindo uma das preciosidades da arquitetura colonial da cidade;

Largo do Desterro - nele situando-se a Igreja do mesmo no

me, próxima ao local onde aportaram os holandeses, em 1641, comandados pelo Coronel Koin Anderson e pelo Almirante Jan Cornelizoon Lichtardt;

Largo de Bequimão - encontrando-se, ao centro, uma pirâmide assinalando o local, onde, provavelmente, foi enforcado em 2/11/1685, o chefe principal da revolta que deu nome ao logradouro;

Largo de Santo Antônio (Praça Antônio Lobo) - onde, além do busto do ilustre homem de letras que cedeu seu nome ao local, encontra-se a Igreja e o velho Convento de Santo Antônio, hoje, conhecido mais comumente como o "Seminário";

Largo dos Amores (Praça Gonçalves Dias), onde ergue-se a estátua do poeta que cedeu seu nome ao logradouro, e de um lado, encontra-se a Reitoria da Universidade Federal do Maranhão, um dos mais belos exemplares da arquitetura colonial da cidade;

Praça Benedito Leite - ladeada por soberbos sobradões, e onde repousa a estátua do ilustre homem público que cedeu seu nome ao logradouro;

Praça Duque de Caxias - onde se assenta o monumento a Luís Alves de Lima e Silva, Patrono do Exército Brasileiro e pacificador da Balaiada, revolta que irrompeu no Maranhão por volta de 1823.

Praça do Panteon - onde repousam os bustos das principais figuras das letras maranhense.

Entre os monumentos históricos, mencionam-se os seguintes: *Outeiro da Cruz*, pequena colina feita de pedras, com uma cruz fincada, assinalando o local de lutas travadas entre portugueses e holandeses; *os fortins de São Cosme e São Damião*, guardando as laterais do baluarte, onde outrora erguia-se o forte São Luís, construído pelos franceses; *os frades de pedra*, pequenos pilares de pedra de cantaria, com a extremidade superior lavrada, colocados nas entradas de algumas ruas e logradouros de São Luís; *Pedra da Memória*, inaugurada em 28/07/1844, no transcurso do 21º aniversário da Adesão do Maranhão à Independência;

Obelisco da Águia que pousa, construído em 1928, em comemoração à passagem por São Luis, do avião brasileiro Pinto Martins: *Marco de Fundação da Cidade*, erigido em 1962, em comemoração aos 350 anos de fundação e *Portão da Quinta do Barão de Bagé*, lembrança dos áureos tempos.

*

2.3 - O Conjunto arquitetônico

O conjunto arquitetônico de São Luis, representado por igrejas, palácios e o casario de um modo em geral, num total aproximado de 3.880 prédios, em uma área construída de 242 mil metros quadrados, é o que há de mais importante no seu acervo patrimonial histórico e artístico.

As igrejas de São Luis, ricas em história e tradição, não ostentam como as de Salvador, Recife e Ouro Preto, riquezas de arte em seu interior. Entre as existentes, dignas de preservação pelo valor histórico que representam, seguem-se: *Igreja do Desterro*, cuja construção antecede à invasão holandesa em 1641. Apresenta em sua fachada um misto de arquitetura colonial e bizantina e, por se encontrar em ruínas, foi reconstruída nos anos de 1832 e 1867. *Igreja da Sé ou Catedral*, cuja construção foi iniciada em 1726, passando a partir de 1762 a sede do Bispado. *Igreja do Carmo*, originou-se de uma primitiva capela que os carmelitas construíram em 1627. Ao lado, há o Convento do Carmo, outrora também Liceu Maranhense, e onde, de uma de suas janelas, em meados de 1889, o Conde D'Eu, em campanha política visando assegurar à sua cōnjuge, Princesa Isabel, a sucessão do trono de D. Pedro II, recebeu estrepitosa vaia da estudiantada. Do templo partem galerias subterrâneas que, segundo uns, em direção às Igrejas da Sé, de Santo Antônio e do Ribeirão. *Igreja de Santa Teresinha*, fundada em 1753 pelo inaciano Gabriel Malagrida. *Igreja de Nossa Senhora dos Remédios*, inaugurada em 1860. *Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos*, construída em terreno doado pelos carmelitas à Congregação dos Pretinhos de Nossa Senhora, em 1717. *Igreja de Santo Antônio*,

cujas origens remontam à época da fundação da cidade, me recendo inclusive menção de Claude D'Abbeville, em *História das Missões dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas*. A atual, foi construída em 1856, por iniciativa do frei Vicente de Jesus, Guardião do Convento de Santo Antônio, que fica ao lado. Nesse Convento encontra-se a capela do Senhor dos Navegantes, que segundo a tradição, o Padre Antônio Vieira pregou o belíssimo "Sermão aos Peixes". *Igreja de São João*, mandada construir em 1665 pelo Governador e Capitão General Rui Vaz de Siqueira. *Igreja de São Pantaleão*, construída em 1794, por iniciativa dos fiéis Pantaleão Rdrigues de Castro e Pedro Cunha. *Igreja de Santaninha*, edificada em 1791 pelo Cônego Agostinho Aranha e que ainda hoje conserva externa e internamente o perfil da primitiva arquitetura da Terra. *Capela das Laranjeiras*, mandada construir em 1811, pelo devoto José Gonçalves da Silva.

Dos palácios, o principal é o *dos Leões*, de linhas arquitetônicas neo-clássicas, antiga residência dos Capitães Generais, na Colônia; dos Presidentes da Província, no Império e dos Governadores, na República. Foi construído em 1776, na administração do Capitão-General Joaquim de Melo e Póvoas. Seus alicerces se assentam sobre o antigo Forte São Luís, erigido em 1612, pelos franceses. Outros palácios há, como o *Arquiepiscopal*, antigo Colégio dos Jesuítas, e hoje, sede do Arcebispado; o *La Ravardière*, sede do Poder Executivo Municipal, e onde, outrora, foi o Senado da Câmara e o *Reitoral*, sede da Reitoria da Universidade do Maranhão. Todos eles constituem belos exemplares da arquitetura colonial.

Por fim, o mais importante no conjunto arquitetônico — o *casario em geral*. É constituído de casas e sobradões, em sua maioria com sacada a ferro, revestidos de azulejos e ostentando pitorescos mirantes, dentre os quais, uns estão conservados; outros, transformando-se em ruínas. Muitos desses sobradões foram construídos há mais de 200 anos e assinalam uma época de grandeza econômica do Maranhão.

"Não há, jamais, nas cidades coloniais do país, palácios tão bonitos quanto aos sobradões de São Luís. Aquelas casas superam em beleza e construção a tantas quanto por aí existem", assinala Astolfo Serra, em *Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão*.

A conservação do casario de São Luís, de inestimável valor, constitui o grande problema, não só para o Patrimônio Histórico, como também para as autoridades interessadas no assunto, por exigir soma fabulosa de dinheiro.

Atualmente, não só a Prefeitura Municipal como também o Governo Estadual, estão empenhados na preservação do casario de São Luís. Dentro dessa política, estão promovendo a restauração de velhos sobradões, neles instalando repartições e outros Órgãos Oficiais. Essa restauração, devido os poucos recursos com que conta o Estado e a Municipalidade, vem sendo feita de maneira lenta e gradativa.

Visando estimular a iniciativa privada na conservação do casario antigo de São Luís, há uma Lei Municipal que pode dispensar o proprietário do pagamento de até 60% do imposto predial, dependendo das condições do imóvel.

*

2.4 - Fortes e faróis

São Luís, como todas as capitais de nossa orla marítima, possui sua fortaleza, outrora de grande importância para a sua segurança; como também seu farol, para orientação das embarcações que entrassem em seu porto.

Abandonado à própria sorte, desafiando a ação do tempo, há na praia da Ponta d'Areia, o Forte Santo Antônio, construído por volta de 1759. Numa elevação entre a citada praia e a de São Marcos, há uma fortaleza e um farol — é o de São Marcos. Ambos estão em completa ruína, tornando-se necessário urgentes providências no sentido de serem restauradas essas duas relíquias do passado. Poderiam ser transformados em museus ou em outros ambientes agradáveis de lazer.

2.5 - Sítios e fontes

Entre os sítios, merece destaque especial, o do *Físico*, do qual pouco se conhece. Contem curiosidades que merecem estudos mais profundos. Ao que tudo indica, pertenceu ao Físico-Mor Antônio José Pereira, que chegou a São Luís por volta de 1798. Encontra-se em lastimável estado.

Outrora, contavam-se mais de uma dezena de fontes em São Luís e eram os mananciais que abasteciam a cidade. Atualmente, duas ainda podem ser encontradas em razoável estado de conservação e permanecem a jorrar água cristalina. A primeira delas é a *do Ribeirão*, mandada construir em 1776, pelo então Governador D. Fernando Antônio de Noronha. É toda cercada por um baixo muro, tendo em sua parte inferior duas carrancas que jorram água; e um pouco acima, três janelas gradeadas de ferro, que dão acesso a outras tantas galerias. A parte externa dessa fonte acha-se conservada, enquanto a interna, obstruída por pequenas paredes, o que torna difícil saber-se aonde levam as galerias que dela partem. A outra fonte é a *das Pedras*, construída pelos holandeses quando dominaram a cidade. Antes, em 1615, no mesmo local, acamparam as tropas portuguesas sob o comando de Jerônimo de Albuquerque, após a vitória de Guaxenduba, frente aos franceses. Possui, como a do Ribeirão, belas carrancas por onde jorram água. É um precioso monumento que até bem pouco tempo esteve incorporado ao patrimônio privado. Hoje, felizmente, o Governo Estadual desapropriou e a restaurou.

* *

*

3. ALCANTARA

Alcântara é, sem dúvida, um dos mais preciosos monumentos em estilo barroco, no País. Segundo Jerônimo Viveiros, na *História do Maranhão*, Alcântara precedeu a cidade de São Luís.

Parece-nos correta a afirmativa do autor, visto que

ao tempo da conquista francesa, quando São Luís começou a ser edificada, em 1612, já Alcântara, que se chamava Tapuitapera, era uma grande aldeia tupinambá. Em 1648, atingiu a categoria de vila, e em 1835, chegou a cidade.

Conheceu sua fase de esplendor e grandeza, no início do século XIX, quando rivalizava com São Luís. Sua decadência, entretanto, começou entre os anos de 1865 e 1870, tendo concorrido para tanto, vários fatores, dentre os quais pode ser citado como o mais importante deles, o incremento da indústria açucareira na Província.

A cana de açúcar, que encontrara solo propício nos vales dos rios Itapecurú, Mearim e Pindaré, ainda não alcançara lugar de destaque na economia maranhense, em meados do século XIX, exclusivamente pela falta de transporte. Houve o incremento da navegação fluvial e a vapor e a produção dos vales dos citados rios passou a ser escoada, e em consequência, ocorreu como que o deslocamento do eixo da economia maranhense. Tem início a decadência da produção das cidades litorâneas maranhenses, incluindo-se entre estas, principalmente Alcântara, pelo fato, inclusive de suas terras serem areentas, e impróprias ao cultivo da cana. Iriam contribuir ainda para a decadência alcantarense, a falta de braços escravos, em face da Lei Áurea, e o urbanismo da cidade de São Luís.

Em nossos dias, Alcântara vive mergulhada na mais extrema penúria. Seus habitantes de hoje, num contraste com os de ontem, são pessoas humildes que vivem: os homens, da atividade pesqueira; as mulheres, da renda do "birro" que fabricam em casa e as crianças, amealhando alguns trocados como guia dos turistas que, eventualmente, nela aportam.

Muitas obras que enriqueciam o acervo patrimonial histórico da cidade, não mais existem; como também, muitas peças de inestimável valor artístico desapareceram. Até mesmo a prataria portuguesa, moldada em arte, que adornava as igrejas, e que constituía um precioso tesouro, foi inex

plicavelmente confiscada pelo Governo Federal, no começo da República, em 1889. Outras, foram impiedosamente saqueadas por particulares. Enfim, quase nada restou da boa prataria portuguesa que constituía o patrimônio em arte sacra das igrejas alcantarenses.

Quanto ao casario, basta que aqui se mencione que sô nestes últimos vinte anos Alcântara já perdeu mais de oitenta prédios históricos.

Tais fatos apenas comprovam o descaso de alguns governantes que teve o Estado para com a cidade de Alcântara, ao ponto de transformarem-na de uma cidade monumento, em cidade presídio, quando por muito tempo, um de seus admiráveis sobradões, serviu de penitenciária, o que veio contribuir, ainda mais, para a sua decadência.

No dizer de Odilo Costa Filho, "*Alcântara é a cidade que se recusa a morrer*", e nós completariamos: na esperança de algum dia poder, pelo menos, viver desfrutando das glórias de seu passado. Isto seria possível, se fosse propiciado a ela as condições mínimas visando transformá-la em um centro de atração turística, valendo-se para tanto, do que ainda resta de seu acervo patrimonial histórico e artístico. Para que isso ocorresse, seria necessário a montagem de uma estrutura mínima, como:

- restauração dos monumentos, igrejas, prédios e outras preciosidades da cidade;
- construção de um modesto aeroporto, permitindo a aterrissagem de aviões de linha; pois a viagem São Luís-Alcântara, que é feita em apenas sete minutos, em aviões fretados, tipo teco-teco, onera a bolsa do visitante;
- transporte regular, com horários pré-estabelecidos, por via marítima, por ser mais barato, partindo de São Luís e atravessando a baía de São Marcos, num tempo, que nas condições atuais, não excede a duas horas;

- construção de um modesto cais, onde possam atracar lanchas, barcos etc., sem os atropelos da maré;
- restauração de sobradões, transformando-os em hotéis e restaurantes;
- instalação de um museu, mostrando ao visitante a história e a arte alcantareense.

Hoje, já se pode notar uma mudança de mentalidade com relação a Alcântara. As autoridades governamentais já estão mais sensibilizadas, e o povo quando dela fala, o faz com respeito e admiração pelo que representou no passado. De esquecida e ignorada até bem pouco tempo, passou a ser divulgada visando a sua inclusão nas rotas de viagens turísticas do Nordeste; enquanto alguns dos seus prédios, igrejas e monumentos, vão sendo, lentamente recuperados, em face dos recursos ainda serem insuficientes.

Constituem o acervo patrimonial e artístico da cidade, ruínas de prédios, obras inacabadas, igrejas, conventos, farol, forte, casario, monumentos e peças sacras.

*

3.1 - Igrejas e conventos

As igrejas de Alcântara, construídas em sua maioria nos séculos XVII e XVIII, embora não se igualem em quantidade às de São Luís, superam em valor artístico, além de conservarem suas linhas arquitetônicas de origem. Nos dias atuais a principal delas é a *Matriz de Nossa Senhora do Carmo*, construída em 1665 e restaurada em 1866. É um suntuoso templo, de estilo barroco, com ornamentos de madeira dourada e belos portais de cantaria com as armas do Império. Ao lado, há o Convento do mesmo nome. Em seguida, temos: *Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos*, localizada no bairro de Caravelas, cuja construção data do século XVIII. Ao lado desta há um cemitério onde eram enterrados os escravos. *Igreja do Desterro*, modesto templo, localizado próximo ao mar. *Igreja do Livramento*, situada na ilha do mesmo nome, envolve em lendas e histórias de

naufrágios. Em completa ruína, encontramos: *Igreja de São Matias*, localizada na Praça Gomes de Castro, próxima ao pelourinho; *Igreja de Santa Quitéria*, construída por volta de 1811, não havendo reminiscências que cheguem a dar a idéia exata do templo e os Conventos de *Nossa Senhora dos Remédios*, construído em 1658 e de *Nossa Senhora das Mercês*, junto aos quais existiam templos com os nomes dos mesmos santos.

*

3.2 - O casario

O casario de Alcântara é constituído, em sua maioria, de sobradões que se destacam por conservarem as linhas arquitetônicas de origem. Datam dos séculos XVII e XVIII, e como as igrejas, superam em arte aos de São Luís, mas são inferiores em quantidade. Dois belos exemplares destes são: *o Cavalo de Tróia*, majestoso sobradão de três andares e a *Casa da Câmara*, na Praça Gomes de Castro.

Merecem ser mencionadas aqui, duas casas envoltas em curiosa história. Conta-nos a tradição que um nobre de Alcântara convidara D. Pedro II para fazer uma visita à cidade, mandando construir confortável residência para hospedá-lo. Outra família, com igual propósito, iniciou também, a construção de majestosa casa. Cada qual queria sua casa mais suntuosa, e o Imperador, tendo conhecimento do que passava em Alcântara, cancelou a viagem, perdendo assim a cidade, a oportunidade de hospedar tão ilustre visitante. E, ainda hoje, as casas permanecem inacabadas.

*

3.3 - Outros monumentos

Destacam-se entre outros monumentos de inestimável valor, dignos de serem restaurados, por se encontrarem em lastimável estado, os seguintes: *o farol*, que mede 22 metros de altura, de luz branca fixa e que começou a funcionar a partir de 1831; *o chafariz*, que abastece a cidade desde 1820, ano de sua construção; *o Cemitério da Irmandade*

de de São Benedito, também conhecido com o nome de Cemitério de Nazaré, construído em 1820, é todo cercado de muros e grades e o *Forte São Benedito*, antes denominado Forte do Apóstolo São Matias. O mais importante dos monumentos históricos é o *Pelourinho*, erigido em 1648, ano em que foi elevada à categoria de vila. Foi confeccionado em Portugal, em pedra lavrada, podendo-se observar as armas do citado País.

Entre as raras peças de arte sacra que ainda existem, merece destaque especial o *candelabro*, que segundo uns é o maior ou senão um dos maiores do País e pode ser encontrado na Igreja da Matriz.

* *
*

BIBLIOGRAFIA:

1. Amaral (J.Ribeiro do) - *Efemérides Maranhenses. 1a. parte. Tempos Coloniais* - Tipografia Teixeira, Maranhão, 1923.
2. Vieira Filho (Domingos) - *Breve História das Ruas e Praças de São Luís* - Gráfica Olímpica Editora Ltda. - Rio de Janeiro, 1971.
3. Lefèvre (Renée) e Costa Filho (Odilo) - *Maranhão: São Luís e Alcântara* - Editora Nacional - São Paulo, 1971.
4. Lopes (Antônio) - *Alcântara. subsídios para a história da cidade*- Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Rio de Janeiro - 1957.
5. Marques (César Augusto) - *Dicionário Histórico Geográfico da Província do Maranhão* - Editora Fon Fon e Seleta - Rio de Janeiro - 1970.
6. Meireles (Mário Martins) - *São Luís, Cidade dos Azulejos* - Gráfica Tupy Ltda.- Rio de Janeiro - 1962.
7. Pacheco (D.Filipe Conduru) - *História Eclesiástica do Maranhão* - Departamento de Cultura do Estado - Maranhão - 1968.
8. Pacheco (Fran) - *O Maranhão: subsídios Históricos* - Tipografia Teixeira - São Luís - 1912.
9. Serra (Astolfo) - *Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão* - Editora Civilização - Rio de Janeiro - 1965.
10. Viveiros (Jerônimo de) - *História do Comércio do Maranhão* - 3 vols.- Associação Comercial do Maranhão - São Luís - 1954.
11. Viveiros (Jerônimo de) - *Alcântara no seu Passado Econômico, Social e Político* - Fundação Cultural do Maranhão - 2a.edição - 1975.

* *

*

INTERVENÇÕES:

Do Prof. Dióres Santos Abreu (UNESP-Presidente Prudente).

Afirma:

"Há um programa do Governo Federal destinado a recuperar cidades e sítios históricos do Nordeste. Por exemplo: Fortaleza, Natal, Recife, Salvador".

Pergunta:

"Não existe nada similar a isso em São Luís e Alcântara? Não seria o caso de reivindicar a atenção desse programa para o Maranhão?"

*

Da Profa. Maria da Conceição Martins Ribeiro (UNESP-Franca)

Pergunta:

"Gostaria de saber se por acaso existem fotografias em *close up* de alguns elementos urbanos mais modestos, como sargetas, processos de calçamento de pedras, pontes primitivas da região, processos de limpeza de solas de sapato e outros elementos tidos como 'não relevantes', mas que marcaram a nossa vivência urbana?"

*

Da Profa. Antonietta de Aguiar Nunes (Faculdade de Filosofia Prof. Carlos Pasquale - São Paulo).

Declara:

"É muito importante a divulgação nos Simpósios da ANPUH de trabalhos sobre São Luís e regiões do antigo "Estado do Maranhão" pouco estudado na História do Brasil dada em outras regiões, e que trata nos séculos XVII e XVIII apenas das regiões do "Estado do Brasil" com poucas menções às regiões do Norte.

É interessante notar a semelhança dos destinos de São Luís e Salvador, antigas capitais dos Estados do Maranhão

e do Brasil, destituídas desse título em inícios da 2a. metade do século XVIII (1755 e 1763, respectivamente) em favor de portos de maior importância econômica (Belém e Rio de Janeiro).

Desejo cumprimentar o Autor pelo seu trabalho e almejar que ele e colegas seus continuem apresentando nos Simpósios da ANPUH informações históricas sobre a importante região do Norte do Brasil".

* *
*

RESPOSTAS DO PROF. WILSON PIRES FERRO:

Ao Prof. Diores Santos Abreu.

Disse:

"Realmente há um programa do Governo Federal visando recuperar cidades e sítios históricos do Nordeste. E o Maranhão nele está incluído através das cidades de São Luís e Alcântara, mas essa restauração vem sendo lenta. Por outro lado, os Governos do Estado e do Município de São Luís vêm, na medida do possível, restaurando velhos sobradões, neles instalando repartições e órgãos estaduais e municipais".

*

À Profa. Maria da Conceição Martins Ribeiro.

Responde:

"Não, pelo menos não temos notícia de fotografias em *close up* de alguns elementos como: sargetas, processo de calçamento de pedras, pontes primitivas da região, nem de processo de limpeza de solas de sapato e outros elementos em cidades como 'não relevantes'. É possível que se consiga alguma coisa em cidades interioranas".